

## OS CONCEITOS PÓS-MODERNIDADE E HIPERMODERNIDADE EM GILLES LIPOVETSKY

Wallace da Costa Brito  
(UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

### Resumo

Neste artigo, abordam-se os conceitos *pós-modernidade* e *hipermodernidade* tais como apresentados pelo filósofo Gilles Lipovetsky, focalizando alguns dentre os motes estudados pelo pensador em torno destes, destacando-se o individualismo, o processo de personalização e o vazio. Toma-se por base duas de suas obras: *A era do vazio* e *Os tempos hipermodernos*. Enquanto na primeira, o foco está no individualismo contemporâneo, destrinchando sua estrutura e operação, na segunda, aquilo que Lipovetsky chamou pós-modernidade é revisto, passando a entendê-la como um momento transitório para a hipermodernidade. Esta segunda obra traça nova conceituação diante da realidade que se apresenta, superando, assim, o tema pós-modernidade. O pensador defende que a partir dos anos 1980, situamo-nos na hipermodernidade, caracterizada por hiperconsumo, hipernarcisismo, hipercapitalismo e hiperindividualismo.

*Palavras-chave:* pós-modernidade; hipermodernidade; individualismo; processo de personalização; vazio.

### Abstract

#### Post-modernity and Hypermodernity Concepts Gilles Lipovetsky

In this article, we approach to the post-modern concepts and hyper as presented by the philosopher Gilles Lipovetsky, focusing on some among the motes studied by the thinker around these, emphasizing individualism, personalization process and the void. Becomes based on two of his works: *The era of emptiness* and *the hypermodern times*. While at first, the focus is on contemporary individualism, unraveling its structure and operation, in the second, what Lipovetsky called postmodernity is revised, starting to understand it as a transitional time for hypermodernity. This second work draws new concept to the reality that presents itself, thereby overcoming the postmodern subject. The thinker argues that since the 1980s, We are located in hypermodernity, characterized by hyper, hipernarcisismo, hipercapitalism and hyper.

*Keywords:* Post-Modernity; hypermodernity; individualism; Process Customization; Empty.

### Introdução

Gilles Lipovetsky é um pensador importante para o debate sobre o mundo

contemporâneo em suas características, tendências, rumos, desafios e, conseqüentemente, para o sujeito aí gerado. Nascido na França em 1944; professor de filosofia na Universidade de Grenoble; doutor honoris causa pela Universidade Sherbooke (Canadá) e pela Nouvelle Université Bulgare (Sofia); membro do Conselho Nacional dos Programas Educacionais e do Conselho de Análise Social do Governo Central de seu país. Seus livros passaram ou passam por tradução em cerca de dezoito idiomas. Algumas dentre as suas obras publicadas no Brasil, em língua portuguesa, são as seguintes: *A era do vazio* (1983/2005); *O império do efêmero* (1987/2009); *Os tempos hipermodernos* (2004/2004); *A sociedade da decepção* (2006/2007); *A cultura-mundo* (2008/2011); *A globalização ocidental* (2010/2012).

Neste artigo, pretende-se abordar os conceitos *pós-modernidade* e *hipermodernidade* tais como apresentados em seus pensamentos, focalizando alguns dentre os diversos motes estudados pelo pensador em torno de tais conceitos. Dentre estes, destacam-se os seguintes: individualismo; processo de personalização; vazio; sedução; indiferença; modernismo e pós-modernismo; violências; narcisismo.

Vale esclarecer em relação ao narcisismo que, em *A era do vazio*, encontra-se desenvolvido em acordo com os sociólogos norte-americanos. Refere-se, por este viés, aos trabalhos de Richard Sennet, Edward Shortem e Christopher Lasch; e, também, aos franceses: Jean Baudrillard e Marcel Gauchet, dentre outros, convergindo, ou, por vezes, refutando algumas dentre as análises de tais estudiosos (Lipovetsky, 2005).

Para o filósofo, o narcisismo é o que manifesta, no micro, o processo de personalização operado no macro, sinalizando o câmbio do individualismo restrito da modernidade ao individualismo completo encontrado mais recentemente. O narcisismo é constitutivo da personalidade pós-moderna, resultante de um processo global que rege o funcionamento social. Sendo assim Narciso é uma espécie de vulto mitológico ou fabuloso que simboliza nosso tempo.

Procura-se mostrar como descreve e analisa a pós-modernidade e, depois, a hipermodernidade, situando em seu pensamento, a passagem de um conceito ao outro, identificando as continuidades e rupturas por ele demarcadas. Para tanto, serviram de base duas de suas obras: *A era do vazio*: ensaios sobre o individualismo contemporâneo (versão original em francês lançada em 1983) e *Os tempos*

*hipermodernos* (versão original em francês lançada em 2004).

No livro *A era do vazio* – o primeiro a ser publicado – o foco está no individualismo contemporâneo, destrinchando sua estrutura e operação. Localiza, em especial a partir dos anos 1950, o desenvolvimento de uma época repleta de características peculiares, para as quais adota, no contexto desta obra, o conceito pós-modernidade. A leitura de seus escritos, vale dizer, podem ser importantes às psicologias. Isto porque suas críticas aos saberes psi são colocadas de maneira clara, direta e coerente, demonstrando como tais teorias ascendem e se firmam dentro da dinâmica cultural moderna, que, afinal, foi o que possibilitou e criou condições para sua existência e funcionamento.

*A era do vazio* estrutura-se em seis capítulos escritos em forma de ensaios que pretendem mostrar as mudanças históricas em pleno funcionamento nas sociedades ocidentais. Pela composição dos capítulos do livro, o autor apresenta e examina as características cruciais que, em seu pensamento, marcam a sociedade pós-moderna: onipresença da sedução; indiferença a ocupar lugar de destaque; surgimento da personalidade narcisista que trafega com um vazio e pelo vazio, viciada e inebriada por si mesma; modernismo e

pós-modernismo com suas lógicas e características, distâncias e proximidades; o caráter humorístico que marca a sociedade atual; e, por fim, as violências antigas e modernas, compreendidas e comparadas nos significados próprios de cada época através do método genealógico.

No último tópico, destaca-se como o pensador francês reavalia suas análises quanto ao pós-moderno, chegando, assim, no início deste século, a preferir lançar o conceito hipermodernidade, ora concebido para dar conta da tarefa de explicar as mudanças ocorridas nas sociedades ocidentais. Mudanças estas expandidas no crepúsculo do Século XX e em franca expansão, das mais diversas formas, no alvorecer do Século XXI, como será exposto. Com a concepção deste novo conceito, portanto, em seu pensar, o conceito pós-modernidade torna-se obsoleto e cai em desuso.

### **Uma Primeira Aproximação de seu Pensamento**

Para Lipovetsky (2005), a lógica que rege a dinâmica social vem passando por alterações vultosas, ganhando destaque o hedonismo, a permissividade e a psicologização. O domínio das condutas ganha novo formato em uma fase diferente do individualismo. A época propícia às

revoluções sociais passou. Ao final do Século XX, assistem-se agitações que sacodem o cotidiano e o indivíduo: inconstância apressada das personalidades, ferrugem dos ideais político-ideológicos, corrosão das identificações sociais.

A tese central que perpassa *A era do vazio* focaliza o conceito *processo de personalização*, que produz profundas e significativas modificações no conjunto da sociedade. Este processo direciona uma nova maneira de domínio social, bem diferente do período disciplinar, revoltoso e convencional que se manteve firme até a metade do Século XX. Atravessamos uma etapa de profundas alterações sociológicas de alcance global. Há novas legitimidades e formulações em funcionamento, um novo formato da autonomia, diverso daquele da chamada fase democrático-autoritária: eclosão e aceitação da diversidade, supervalorização do prazer, descontração, apreço por liberdade pessoal, psicologismo.

Nisto, o indivíduo “aberto”, instituído socialmente através de tal processo, alterou os modos de vida pela proliferação do consumo. Ele almeja viver livre, desprovido de pressões, escolhendo o que quer ser e fazer. A era pós-moderna, ao vigorar, ancora-se em “aparelhos” adaptáveis e múltiplos, validando, assim, sem oposições consideráveis, o

individualismo particularizado e sedento por prazer.

Na sociedade pós-moderna prevalece a insensibilidade da massa, a novidade torna-se banalizada e o futuro não é mais compreendido como avanço inequívoco. Os grandes eixos da modernidade: a insurreição, os regimes ordenadores, a secularização e a liderança sofreram alterações em função da avalanche personalista. O otimismo científico não é mais irrefutável; a natureza sofre danos enormes; os indivíduos se encontram desconexos. Nenhum ideal político é capaz de entusiasmar em grande número as pessoas; não há um plano histórico com energia de mobilização. Nesta fase é o vazio sem tragédia e sem destruição que predomina. A cultura pós-moderna sinaliza a saída da coordenação invariável e administrativa em função de uma sociedade cada vez mais personalizada.

Esta cultura, enumera Lipovetsky (2005), é descentrada e heterogênea; materialista e psicológica; obscena e circunspeta; inovadora e anacrônica; consumista e ecológica; sofisticada e irrefletida; espetaculosa e inventiva. Há nela uma lógica dualista, a convivência suave de contrários. O individualismo é elevado; há variedade de opções com a trituração dos referenciais balizadores,

diluindo, assim, o sentido exclusivo e os princípios da modernidade.

O pensador entende a pós-modernidade como o momento do segundo ciclo individualista; era do narcisismo, consequência do processo personalista. Narcisismo que remete a uma postura afável diante das dinâmicas políticas e ideológicas, num passo a passo com a questão subjetiva alçada ao extremo. Nisto, então, observa o desinvestimento na esfera pública e a despreocupação com os princípios transcendentais aliado ao aumento da importância atribuída à dimensão privada da vida.

Para ele, o individualismo pós-moderno leva, por vezes, a um regime de associação restrita aos agrupamentos entre similares, agregações especializadas com interesses em comum. Há, por assim dizer, um agrupamento com idênticos, fato ligado à autoassimilação hedonista. O narcisismo opera através de uma psicologização do social, do político. Enquanto a modernidade foi obstinada em produzir e revolucionar, a pós-modernidade aferra-se em informar e expressar. Informação e expressão sem alvo, que expõem o narcisismo, fator de análise do vazio que perpassa essa época.

Após esta entrada em suas apreciações, a seguir, pretende-se expor, de maneira mais detalhada, como o filósofo

descreve e analisa a pós-modernidade, a qual se refere como *era do vazio*. Para isso, o percurso a ser feito apresenta, inicialmente, breves comentários sobre a modernidade e o advento do individualismo. Em seguida, a chamada pós-modernidade, marcada por mutações antropológicas nomeadas por ele através de dois conceitos: processo de personalização e narcisismo. As marcas do modo de operação pós-moderno são a sedução, a indiferença e o consumismo, questões estas que, segundo o pensador, aparecem como relevantes para o entendimento deste tempo. Neste contexto, os saberes psi aparecem como alvos de suas críticas, o que também será exposto adiante.

### **Modernidade e Individualismo**

Lipovetsky (2005) explica que o advento do Estado moderno e a expansão da economia liberal implicam-se diretamente no surgimento do individualismo. O Estado moderno operou com uma efetiva e simbólica centralização, desde o absolutismo, tendo relevante papel na liquidação da dependência pessoal que marcava os antigos laços, contribuindo, assim, para o surgimento do indivíduo independente das alianças feudais e do peso das tradições. Também pela economia mercantil, generalização e expansão do

sistema valorativo de troca que suscitaram o surgimento do indivíduo preocupado com o alcance de seus interesses particulares. Desenvolvem-se a compra e venda de terras, a industrialização com o conseqüente deslocamento de parcelas da população, passando a haver então uma nova forma de o homem se relacionar, desarticulando-o do referencial comunitário que o formava. Uma mudança de amplas proporções que podem ser resumidas em uma palavra: *individualismo*. Novo modo de viver que se alinha com a aspiração financeira, a vida íntima, o bem-estar, a propriedade e a segurança, subvertendo, desta forma, a antiga e tradicional forma de organização da sociedade (Lipovetsky, 2005). Acresce dizer que, com a modernidade, esvazia-se a antiga força exercida pela comunidade e passa a prevalecer o indivíduo e seus interesses particulares. Começam a sobressair as vontades dos indivíduos em detrimento da prioridade do conjunto social, declinando, com isso, os códigos sociais de conduta que ligavam o homem ao seu grupo social (Lipovetsky, 2005).

Segundo o filósofo, havia nas sociedades tradicionais a impossibilidade de revoluções. O potencial revolucionário é gerado com a atomização (quebra dos vínculos comunitários tradicionais) dos indivíduos na modernidade, tendo o

homem reconhecido a si como dotado de aspiração, poder de escolha e equidade. Para que surja a revolução como possibilidade histórica, os homens tiveram que passar pela desvinculação com suas tradicionais solidariedades de grupo. Foi necessário que as coisas prevalecessem como objetos de relação e declinassem a importância da relação com os seres. Deste modo, luta e revolução só se tornam possíveis graças ao poder simbólico e ideológico operado pelo individualismo, não ficando assim nada de fora da possível transformação acionada por mãos humanas (Lipovetsky, 2005).

Quanto a isso, há um lugar de importância ocupado pelo ideológico na etapa inicial do individualismo. O que fez com que este momento histórico fosse marcado por lutas sociais intensas. Deste modo, a ideologia passa a ocupar importante papel, sendo apresentada pelo pensador francês como um dos grandes eixos da modernidade; como aquela que se encontra subjacente aos embates políticos e às revoluções. Propulsora das aspirações coletivas e individuais, das agitações sociais e enfrentamentos que se deram ao longo dessa época, sejam para a ampliação do domínio e a expansão do poder de um lado, ou, ao contrário, para a derrubada da ordem estabelecida e a implantação de um novo regime sócio-econômico-político, de

outro. Deste modo, substitui aquele lugar antes ocupado pela religião. O modo de operar absoluto e passional tem continuidade, marcando aquilo que o autor chama de primeira fase do individualismo como momento histórico atravessado por revoluções e lutas sangrentas (Lipovetsky, 2005).

Para o pensador francês, na fase civilizatória, desligando-se das sociedades clássicas, a junção entre Estado moderno e mercado foi o que permitiu o aparecimento de uma sociedade cujo indivíduo é posto no centro, passando a existir em função de si próprio. No início da modernidade e durante sua expansão e consolidação pelos séculos seguintes, ocorre o que ele designa como a primeira reviravolta individualista (Lipovetsky, 2005).

### **Modernismo, ou o Movimento Modernista, e Pós-Modernismo, ou a Chegada à Pós-Modernidade**

Para chegar a tratar da pós-modernidade, Lipovetsky (2005) põe em destaque o fenômeno artístico ocorrido no final do Século XIX e início do Século XX que ficou conhecido como modernismo. Para ele, este acontecimento representou não apenas rebeldia contra si mesmo, mas rebeldia contra todos os apegos e preceitos burgueses. A este propósito, o modernismo,

como movimento artístico, dilatou a virada democrática. Mostrando-se de traço subversor, profundamente vinculado ao nexo do modo individualista, o modernismo é designado pelo autor como uma transportação do modo subversivo (revolucionário) para o domínio da arte. Conforme ele:

O modernismo não é mais do que uma face do vasto processo secular que conduz ao surgimento das sociedades democráticas baseadas na soberania do indivíduo e do povo, sociedades liberadas da submissão aos deuses, das hierarquias hereditárias e do domínio da tradição. Prolongamento cultural do processo que se manifestou com estrondo na ordem política e jurídica no final do Século XVIII, arremate do empreendimento revolucionário democrático constituindo uma sociedade sem fundamento divino, pura expressão da vontade dos homens reconhecidos como iguais. A partir daí, a sociedade se dedica a inventar-se por completo e de acordo com a razão humana, não de acordo com a herança do passado coletivo; nada mais é intangível, a sociedade se apropria do direito de guiar a si mesma sem exterioridade, sem modelo absoluto decretado (Lipovetsky, 2005, p. 66).

Assim entendida, a base sobre a qual se funda e que fermenta o modernismo é a reviravolta do indivíduo, elevado à categoria referencial. É por esta reviravolta que, como nunca dantes na história, o indivíduo concreto passa a ter uma percepção de si como finalidade, entendendo-se de maneira isolada (Lipovetsky, 2005). Entre o final do Século XIX e o alvorecer do Século XX, além do movimento modernista operado pela vanguarda artística, outro movimento – de caráter teórico – se evidencia: a Psicanálise. Ambos são possíveis em função do processo de personalização posto em movimento na cultura décadas mais tarde, mas, de certo modo, antecipados por estas duas importantes iniciativas (Lipovetsky, 2005).

Explicando o pós-modernismo, exemplificado pelas mudanças postas em cena no campo da arte e pelo surgimento da Psicanálise como teoria e como técnica, o pensador chega ao pós-modernismo, fenômeno cultural marcado pela busca de prazer e pela obsessão do consumo. O movimento pós-modernista apresenta como intento a ampliação sem cessar das probabilidades particulares de opções, ajustes e combinações. A pós-modernidade é uma época em que a tendência à personalização sobressai; momento histórico no qual muitas pessoas se

tornaram isentas à regulação dos desejos e dos costumes e na qual a autonomia individual é supervalorizada. A cultura pós-moderna é aquela na qual o hedonismo, a permissividade e a individualização das pessoas são os valores abraçados (Lipovetsky, 2005).

O estudioso salienta que a pós-modernidade não que dizer uma ruptura radical com os estatutos da modernidade. Ao contrário, ela representa uma continuidade, agora regida pelo processo personalista. Este, ao ocupar lugar de domínio, dá continuidade ao que é significativamente central no mundo moderno (Lipovetsky, 2005). Ainda assim, cabe perguntar: se considerarmos, no entanto, que há uma originalidade pós-moderna, como então ela se mostra? Lipovetsky (2005) assim responde:

[...] a operação saber pós-moderno, com sua heterogeneidade, dispersão das linguagens e teorias flutuantes, não passa de uma manifestação do abalo geral, fluido e plural que nos faz sair da era disciplinar e que, assim fazendo, esvazia a lógica do *homo clausus* ocidental. É apenas nessa ampla continuidade democrática e individualista que se desenha a originalidade do momento pós-moderno, a saber, a predominância do individual sobre o universal, do

psicológico sobre o ideológico, da comunicação sobre a politização, da diversidade sobre a homogeneidade, do permissivo sobre o coercitivo (Lipovetsky, 2005, p. 92).

O pós-modernismo possui caráter sincrético, tendendo a positivar um retorno a si. Apesar disso, coexiste com movimentos duros e extremistas, tais como as drogas, o terror, o pornô, o *punk*. Trata-se de fenômeno cultural simultaneamente *cool* (que pode ser traduzido por legal, ou, bacana, ou ainda, descolado) e *hard* (que pode significar: duro, ou, rígido, ou também, difícil); convivial e vazio; psicologizante e maximalista (Lipovetsky, 2005). O pós-modernismo promove uma cultura heterogênea, pondo em cena estilos diversos, misturando-os e colocando-os em nível similar. O peso subversivo dos valores modernistas foi varrido, restando assim, uma cultura eclética. O filósofo faz uma incisiva crítica ao pós-modernismo, afirmando que ele “não é mais do que um outro nome para designar a decadência moral e estética do nosso tempo” (Lipovetsky, 2005, p. 96).

Diante disso, escreve que a tônica geral do pós-modernismo não tem por fim destruir os formatos modernos, nem tampouco fazer ressurgir o passado. Seu fim é fazer coexistir sem conflitos os diferentes estilos, tornando descontraída a

aversão entre o que é tradicional e o que é moderno. Quer, por assim dizer, tornar aberto o que pode soar como antagônico. Nisto, misturam-se identidades e papéis, valorizando o indivíduo flexível e condescendente (Lipovetsky, 2005). O pensador compara, então, modernismo e pós-modernismo, definindo a ambos de maneira sucinta: “O modernismo era uma fase de criação revolucionária de artistas em ruptura; o pós-modernismo é uma fase de expressão livre aberta a todos” (Lipovetsky, 2005, p. 101).

#### **Pós-modernidade: Processo de Personalização e Narcisismo**

Na primeira obra do pensador francês, destacam-se dois conceitos para o entendimento da pós-modernidade, são eles: *processo de personalização* e *narcisismo*. Em sua análise, o processo de personalização é o que se encontra subjacente ao funcionamento das sociedades contemporâneas. Este fenômeno é por ele definido como “[...] um novo tipo de controle social desembaraçado dos pesados processos da massificação-reificação-repressão. A integração se realiza pela persuasão, invocando a saúde, a segurança e a racionalidade [...]” (Lipovetsky, 2005, p. 7-8).

O processo de personalização é o combustível da sociedade pós-moderna; é o que alavanca uma nova forma de individualismo, bem diferente daquele anterior observado ao longo da modernidade. Sacudido pela velocidade das técnicas, pela administração, pelo consumismo massivo, pela mídia, pela ideologia individualista e também pelo psicologismo, elevando ao ponto alto a prevalência do indivíduo. A sociedade pós-moderna é então aquela que torna o processo de personalização generalizado, rompendo com a lógica moderna anterior de caráter disciplinar-repressivo. O ideal moderno de independência individual é realizado, neste momento, com teor original, no dia a dia, a partir de novas táticas (Lipovetsky, 2005).

O processo de personalização é o que melhor define a pós-modernidade. Este tem início com o modernismo, expandindo-se na pós-modernidade, vindo a diminuir, progressivamente, a força do processo anterior regido pela disciplina. Como funciona, para ele, este processo? O pensador o descreve e analisa detalhando algumas de suas características: superconcentração nos aspectos particulares da vida; desconsideração pela criação de alternativas para outras formas de viver e de organizar a sociedade; obsessão por si próprio. Assim, o indivíduo

persegue sua realização e equilíbrio. O espírito revolucionário e o interesse pela mobilização das pessoas rendem-se à sedução operada pela personalização da vida (Lipovetsky, 2005).

O narcisismo é o motor do processo de personalização; ele diz respeito a um perfil original do indivíduo nas relações consigo próprio, com seu corpo, com os demais, com o mundo e com o tempo. No funcionamento narcisístico da sociedade, nota o pensador, há o interesse em ocupar posições de destaque, atentando-se os indivíduos não tanto para o respeito, mas para a inveja que pode ser provocada no outro. É esta então uma sociedade marcada pela manipulação e pela rivalidade generalizada. Há, com o narcisismo, uma nova compreensão do corpo presente no imaginário social: este é percebido como corpo psicológico, ou seja, recebe destaque os aspectos psíquicos, a individualidade, a personalidade, os traços típicos, as características particulares etc. (Lipovetsky, 2005).

O narcisismo foi desencadeado pelo processo personalista, havendo aí um esvaziamento ampliado dos valores e finalidades sociais. A dissipação dos grandes códigos de sentido e o investimento exacerbado no Eu caminham juntos. Para o pensador, este é um modo de vida que, apenas na aparência, é humano,

ao ter em vista que se concentra no prazer, no bem-estar, na despadronização, concorrendo assim, para a promoção do individualismo psicológico, voltado para a valorização geral do indivíduo (Lipovetsky, 2005).

O narcisismo é, por assim dizer, filho da escalada social desejosa do prazer, impulsionada pelos objetos e sinais. É resultante da psicologização da vida, operada, sobretudo, com enfoque psicopatológico. A lógica psi e terapêutica, tão criticada pelo estudioso, elaborada a partir do século XIX é o que dá impulso a isso (Lipovetsky, 2005). Uma nova personalidade, gerada pelo apego narcísico, apresenta-se indeterminada, variante, dobrável, fluida, prestando-se à adaptação e remodelagem constante e incessante conforme a gerência corpórea e mental. De tal modo, que, uma nova forma de ser surgiu, caracterizada por inconstâncias e incertezas, com um Eu cambiante, desprovido de referências e pontos fixos de orientação. Forma que se adapta ao fluir dos sistemas, na velocidade das combinações. O narcisismo é o instrumento dessa incessante mudança de si diante da experimentação pós-moderna (Lipovetsky, 2005). O padrão sugerido anda as voltas com uma idealização da despadronização, pelo qual opera a personalização, normalizando de diferentes

formas o ser jovial, enérgico. Conforme o pensador:

O narcisismo joga e ganha em todas as tabelas funcionando concomitantemente como operador de despadronização e operador de padronização, sendo que esta jamais se reconhece como tal, mas se dobra diante das mínimas exigências da personalização: a normalização pós-moderna se apresenta sempre como o único modo de o indivíduo ser realmente ele mesmo, jovem, esbelto, dinâmico (Lipovetsky, 2005, p. 44).

O outro, tornado um estranho, é alguém desconsiderado e apagado cotidianamente. Livrando-se dos costumes e princípios sociais, na busca por si mesmo, o indivíduo acaba por tornar seus relacionamentos fadados a morrer (Lipovetsky, 2005). Nesta perspectiva, vários acontecimentos da sociedade pós-moderna acabaram por gerar uma personalidade interessada apenas em si própria e, por conseguinte, avessa aos outros presentes e vindouros. Sobre isso, Lipovetsky escreve em tom crítico:

A burocracia, a proliferação das imagens, as ideologias terapêuticas, o culto ao consumismo, as transformações da família, a educação permissiva engendraram uma estrutura de personalidade, o narcisismo, indo a

par com as relações humanas cada vez mais bárbaras e conflituosas. Os indivíduos se tornaram mais sociáveis e cooperativos apenas aparentemente; por trás da tela do hedonismo e da solicitude, cada um explora clinicamente os sentimentos dos outros e satisfaz seus próprios interesses sem a menor preocupação com as gerações futuras (Lipovetsky, 2005, p. 49-50).

O filósofo salienta que os problemas psíquicos se dão em conformidade com as regras temporais. Segundo ele, na pós-modernidade, temos um mal-estar obscuro, uma sensação de vazio em que as desordens da personalidade se apresentam muito mais como um caráter irresoluto. As inquietações narcísicas mostram-se, cada vez mais, como “perturbações do caráter” manifestas através de um mal-estar longo e invasivo; de um sentimento de vazio interior diante do “absurdo da vida”, deixando o indivíduo, em certa medida, incapaz de sentimentos pelas pessoas e pelas coisas. Se no capitalismo autoritário e puritano, tínhamos a prevalência dos sintomas neuróticos, na pós-modernidade, tendo uma pressão da sociedade permissiva; passamos às desordens narcísicas, disformes e recorrentes. Com o apagamento dos referenciais estáveis, os sintomas não se mostram mais rígidos, mas

de forma vaga e excessiva. Assim sendo, o estudioso observa que os problemas psíquicos se dão em conformidade com as regras temporais (Lipovetsky, 2005).

Nesta realidade confusa e excessiva, longe das restrições dos momentos anteriores, em lugar de haver a promoção de relações duradouras e envolventes, provocou-se mais solidão e mais vazio, na medida em que cada qual considera apenas os próprios interesses. O que temos é mais solidão em meio à imensa gama de possibilidades de encontros oferecidos pela cidade. Quanto mais as relações se tornam livres, mais há dificuldade em construir uma relação intensa. Solidão, vazio e dificuldade de sentir aparecem por todo lugar. Ao voltar-se para si mesmo, o indivíduo encontra dificuldades em sair. Mesmo que desejoso por encontrar um relacionamento afetivo, esbarra em sua incapacidade de ser efetivamente afetado pelo outro, uma vez que o narcisismo acaba por favorecer o isolamento. Assim, auto-absorvido por si mesmo, o indivíduo empenha-se tão somente no Eu em detrimento do outro como ser de relação. O Eu, alvejado por todos os investimentos, acaba por se tornar a preocupação central. Com isso, a consciência política tem seu lugar ocupado pela consciência narcísica, passando a esfera pública a ser vista como

desinteressante, conduzindo assim ao isolamento social (Lipovetsky, 2005).

### **Sedução, Indiferença e Consumismo: Marcas do Modo de Operação Pós- Moderno**

Lipovetsky (2005) entrelaça três fenômenos sociais, discernindo-os como marcas nítidas do modo de operação da sociedade pós-moderna, são eles: a sedução, a indiferença e o consumismo.

A sedução move a sociedade; é uma tática que se impôs, colocando em plano secundário as relações de produção. Esta tática incita o consumir: “Com sua profusão luxuriante de produtos, imagens e serviços, com o hedonismo ao qual induz, com seu ambiente eufórico de tentação e proximidade, a sociedade de consumo revela claramente a amplidão da estratégia da sedução” (Lipovetsky, 2005, p. 2).

A sedução, como tática, alcança enorme êxito por se inserir dentro do esquema do processo de personalização, acabando por reforçá-lo. Ela coordena nosso mundo, funcionando pela multiplicação e diversificação da oferta, ampliando possibilidades de escolha de maneira livre e diferente, propondo a multiplicidade em lugar da uniformidade, a exultação dos desejos em lugar do rigor (Lipovetsky, 2005). Sobre seu modo de

operação, escreve: “A sedução não funciona por meio de mistério; ela funciona por meio da informação, do *feedback*, da iluminação sem trégua do social, como se fosse um *strip-tease* integral e generalizado” (Lipovetsky, 2005, p. 10).

A sociedade pós-moderna é propulsora da indiferença. Esta resulta não da falta, mas do excesso. Em lugar da privação, há uma solicitação exagerada e constante. Apagamos a capacidade de espanto e de surpresa, não mais nos escandalizamos. À velocidade com que são veiculadas as informações corresponde a apatia. Um acontecimento após o outro, de maneira incessante, de modo que facilmente esquecemos e passamos adiante (Lipovetsky, 2005). Esta é a sociedade da instabilidade, das combinações individuais sincréticas. Tudo é passível de receber valor passageiro, momentâneo. Diante desse quadro, Lipovetsky trabalha com o conceito de *indiferença pura* que designa o caráter passageiro e instável do sincretismo individualista com suas combinações antes impensáveis:

Assim, pode-se ser simultaneamente cosmopolita e regionalista, racionalista no trabalho e discípulo intermitente de determinado guru oriental; pode-se viver o momento permissivo e respeitar, de acordo com as necessidades, as

prescrições religiosas. O indivíduo pós-moderno está desestabilizado e é, de certa maneira, “ubiquísta”. O pós-modernismo não passa de um grande encaixe suplementar na escalada da personalização do indivíduo devotado ao *self-service* narcisístico e às combinações indiferentes, como as do caleidoscópio (Lipovetsky, 2005, p. 23-24).

O indiferente é aquele atento às informações, para quem não há qualquer constrangimento em adaptar-se à última novidade. Sem apegar-se a nada, sem certeza absoluta, é capaz de ajustar-se ao mais variado número de coisas. Suas opiniões rapidamente se modificam, dispondo-se aos gestores burocráticos do saber e do poder, maleável ao sabor de cada nova informação (Lipovetsky, 2005). O processo personalista gera um apego ao presente. Torna assim vazio de sentido qualquer posicionamento transcendental, uma vez que a subjetividade tem valor total, desprovida de sentido, estonteada diante da própria sedução (Lipovetsky, 2005). Para entender a intensificação do processo de personalização, bem como o poder da tática de sedução em nível cada vez mais elevado ao longo do Século XX, vale esclarecer a íntima relação mantida entre a dupla hedonismo-consumismo.

Acerca de tal questão, o filósofo traça uma breve genealogia:

[...] é com o aparecimento do consumismo de massa nos EUA, na década de 1920, que o hedonismo, até então apanágio de uma pequena minoria de artistas e intelectuais, vai se tornar o comportamento geral na vida corrente, e é aí que reside a grande revolução cultural das sociedades modernas. Se observarmos a cultura sob o ângulo do modo de vida, é o próprio capitalismo e não o modernismo artístico que vai ser o artesão principal da cultura hedonista (Lipovetsky, 2005, p. 63).

Há, segundo ele, portanto, uma relação entre controle social, indivíduo atomizado, sedução e consumismo. Trata-se de um controle não autoritário, mas *leve*. O consumismo funciona com base na sedução, pois os indivíduos *compram* coisas, estilos, meios de lazer ofertados por especialistas, conformando tudo isso ao que lhe convém, optando por um algo enquanto descarta outro. Neste passo, ajusta a seu bel-prazer as ofertas programadas. Sob estas condições, combina-se o cotidiano administrado à esfera particular “cada vez mais personalizada e independente”. Esta era do consumismo assenta a independência do

indivíduo com a regulação do social e do outro (Lipovetsky, 2005).

### **A Era do Vazio**

O processo personalista possibilitou o aparecimento de comportamentos excêntricos, variantes, indolentes ao princípio do real. Há nisso a prevalência do presente e o declínio da importância do que é público. Esta nova personalidade, na sociedade pós-moderna, flutua desestruturada, sendo nela prevaiente a emotividade. Em conformidade ao narcisismo predominante e seu correspondente: a transformação da realidade em espetáculo, em mostruário de exposições que atende ao nexo dos apelos. No que tange às grandes finalidades sociais, predomina uma falta de afeto, uma falta de valor e importância. Em seu apego ao presente, o novo narcisismo, segundo Lipovetsky, é um tipo de personalidade cambiante e “sem estrutura” (Lipovetsky, 2005). A segunda reviravolta individualista levada a cabo pelo processo personalista provoca um desafeto pela coisa pública e pelos sistemas ideológicos. O individualismo recente prima pela tolerância e pela mutabilidade, situando-se de maneira *legal*. De acordo com o autor:

A segunda “revolução” individualista causada pelo processo de

personalização tem como consequência uma desafeição de massa pela *res publica* e em particular pelas ideologias políticas: depois da hipertrofia ideológica, a desenvoltura em relação aos sistemas de sentido. Com a emergência do narcisismo, a ordem ideológica e seu maniqueísmo caem na indiferença, tudo o que tem um teor de universalidade e de oposições exclusivas não age mais sobre uma forma de individualismo muito tolerante e móvel. A ordem rígida e disciplinar da ideologia se tornou incompatível com a desestabilização e a humanização *cool* (Lipovetsky, 2005, p. 186).

O deserto é feito por cada um; cresce o isolamento e o indivíduo o deseja. Por outro lado, nesta condição, acaba por não suportar a si próprio. A relação se esvai sem alardes, sem ensejos, diante de um deserto de independência e neutralidade que sufocam (Lipovetsky, 2005). As referências maiores são dissolvidas, os significados saem de cena, os “conteúdos pesados” são desvalorizados. Estima-se, ao contrário, a eficiência, o desempenho. O individualismo alçado ao extremo se volta para isso, desprovendo-nos de sentido: é a era do vazio (Lipovetsky, 2005).

### **Crítica aos Saberes Psi**

Se na modernidade temos o homem político; na pós-modernidade temos o homem psicológico; uma vez que este se mantém interessado e concentrado em si próprio e no seu deleite. Viver para si mesmo, despreocupado com as memórias (tradições) e com o porvir vincula-se com a renúncia à história, aos valores e às composições sociais. O Eu se tornou o centro do mundo, operação da qual participam os diversos saberes e técnicas psi; restando assim o conhecimento de si posto acima do reconhecimento do outro (Lipovetsky, 2005).

As críticas feitas pelo pensador aos saberes e práticas psi são contundentes. Segundo ele, também aí está em funcionamento o processo de personalização, uma vez que este envolve e move todas as frentes. As teorias e técnicas psicoterapêuticas não escapam a isso, configurando-se, por este motivo, como um elemento a mais possibilitado e investido por sua inserção neste contexto. Conforme o próprio:

Atualmente todas as esferas são anexadas cada vez mais depressa por um processo de personalização multiforme. Na ordem psicoterapêutica surgiram novas técnicas (análise transacional, grito primal, bioenergia) que dão mais audácia ainda à personalização psicanalítica, julgada

“intelectualista” demais; dar prioridade aos tratamentos rápidos, às terapias “humanistas” de grupo, à liberação direta do sentimento, das emoções e das energias corporais: a sedução investiu em todos os pólos, desde o *software* até a catarse “primitiva” (Lipovetsky, 2005, p. 5).

Suas críticas aos saberes psi se direcionam mais explicitamente em número e grau à psicanálise. Talvez porque este saber ganhou enorme destaque na França (país onde nasceu e vive) e, talvez ainda, porque a psicanálise é por ele entendida como movimento que, no final do Século XIX e início do XX, antecipa algumas das características propriamente pós-modernas, somente amplificadas socialmente a partir dos anos 1950. O pensador se refere a ela como “máquina narcisista incomparável”, uma vez que sua interpretação é atuante no processo de personalização pela centralidade atribuída ao desejo. Também operando uma “atomização sistemática e interminável”, de modo semelhante a outros protagonistas da sedução. A partir deste ângulo, cada um é remetido a si próprio em seu “*mundo libidinal*” sob a força do inconsciente e do recalque. Com isso, Narciso se faz subjugado por si próprio em sua redoma de vidro (Lipovetsky, 2005, p. 15-16). Nesta direção, o interesse focado em si mesmo,

limitando-se ao privado, anda de mãos dadas com o desinteresse pelo público – o que é social fica desligado. É a era psi, na qual há um interesse em demasia pelo próprio bem-estar em prejuízo dos valores coletivos:

Em um sistema organizado de acordo com o princípio de isolamento “suave”, os ideais e valores públicos não podem deixar de enfraquecer, permanecendo apenas a busca do ego e do próprio interesse, o êxtase da libertação “pessoal”, a obsessão do corpo e do sexo: hiperinvestimento do privado e, conseqüentemente, desmobilização do espaço público. Com a sociabilidade autoclave começa a desmotivação generalizada, o retraimento da autarcia ilustrado pela paixão de consumir, mas também pela popularidade da psicanálise e das técnicas de relacionamento: quando o social é desativado, o desejo, o prazer e a comunicação se transformam nos únicos “valores” e os psi, nos grandes pregadores do deserto. A era psi começa com a deserção de massa e a libido é um fluxo do deserto (Lipovetsky, 2005, p. 25).

### **A Hipermodernidade**

Os tópicos anteriores se ordenaram com base em *A era do vazio*. Este se configura como o mais longo e importante deste texto, tendo em vista a proximidade temporal das reflexões do estudioso, já situado no século XXI. Para tanto, este tópico é trabalhado com base no livro *Os tempos hipermodernos*, escrito por Gilles Lipovetsky em parceria com Sébastien Charles (professor de filosofia no Canadá, estudioso da obra do pensador francês).

Neste livro, aquilo que Lipovetsky chamou pós-modernidade sofre uma espécie de revisão ou atualização em seu pensamento. A partir desta, passa a entendê-la como um momento transitório para a hipermodernidade. O objetivo da obra é uma nova conceituação diante da realidade que se apresenta, superando, assim, o tema pós-modernidade; noção que aparece no final dos anos 1970 para designar o recente cenário sociocultural nos países desenvolvidos. Surgida no âmbito da arquitetura, posteriormente, transposta para caracterizar os abalos da razão, o declínio das grandes ideologias e o avassalador processo individualizante e pluralizante. Surge uma nova forma de tempo na sociedade marcado pelo imperativo do momento.

Atualmente, entretanto, o pós-moderno não mais se encaixa – estamos diante da época do hiper. Sobre a

defasagem do conceito *pós-modernidade*, ele escreve: “No momento em que triunfam a tecnologia genética, a globalização liberal e os direitos humanos, o rótulo *pós-moderno* já ganhou rugas, tendo esgotado sua capacidade de exprimir o mundo que se anuncia” (Lipovetsky & Charles, 2004, p. 52).

O pensador defende que, em seguida à *pós-modernidade*, a partir dos anos 1980, estamos em outra etapa: a hipermodernidade, caracterizada por hiperconsumo e hipernarcisismo. Enquanto na *pós-modernidade* explicita-se o gozo, na hipermodernidade, explicita-se a angústia. Esta etapa se concretiza como um período de “acabamento” da modernidade. Deste modo,

Longe de decretar-se o óbito da modernidade, assiste-se a seu remate, concretizando-se no liberalismo globalizado, na mercantilização quase generalizada dos modos de vida, na exploração da razão instrumental até a ‘morte’ desta, numa individualização galopante (Lipovetsky & Charles, 2004, p. 53).

A época atual é chamada pelo filósofo de segunda modernidade, que se baseia em três pontos-chave daquela por ele reconhecida como a primeira:

Eleva-se uma segunda modernidade, desregulamentadora e globalizada, sem contrários, absolutamente moderna, alicerçando-se essencialmente em três axiomas constitutivos da própria modernidade anterior: o mercado, a eficiência técnica, o indivíduo (Lipovetsky & Charles, 2004, p. 54).

Segundo ele, há duas questões determinantes para a consolidação da modernidade no patamar de hiper:

No cerne do novo arranjo do regime do tempo social, temos: (1) a passagem do capitalismo de produção para uma economia de consumo e de comunicação de massa; e (2) a substituição de uma sociedade rigorístico-disciplinar por uma “sociedade-moda” completamente reestruturada pelas técnicas do efêmero, da renovação e da sedução permanentes (Lipovetsky & Charles, 2004, p. 60).

Situa estas mudanças históricas nos anos 1980, intensificadas na década seguinte, momento no qual verifica um foco no presente de segunda ordem, que subjaz a globalização neoliberal e a revolução da tecnologia informática (Lipovetsky & Charles, 2004). O pensador descreve este momento histórico como marcado por fluidez, flexibilidade, indiferença frente aos grandes princípios

modernos. O presente é marcado pela complexidade e pela perda de sentido. A vida, tanto pessoal quanto social, chegou ao ponto de rege-se em vista do consumo tornado excessivo:

Já faz tempo que a sociedade de consumo se exhibe sob o signo do excesso, da profusão de mercadorias; pois agora isso se exacerbou com os hipermercados e *shopping centers*, cada vez mais gigantescos, que oferecem uma pletera de produtos, marcas e serviços (Lipovetsky & Charles, 2004, p. 54-55).

Um dos paradoxos da hipermodernidade é a coincidência encontrada, em parte, entre o hedonismo, de um lado, e a tomada de responsabilidade individual, de outro. A modernidade se intensifica e se impõe concretamente pela escalada liberal globalizante, na vida mercantilizada de maneira quase geral, na imposição da razão instrumental e numa aceleração do processo de individualização (Lipovetsky & Charles, 2004).

Há um par que vigora: hipercapitalismo e hiperindividualismo – estamos situados em um tempo de extremidades. A coordenação da economia segundo os ditames neoliberais acarretou enorme insegurança, uma despreocupação

com o futuro arremessou-nos ainda mais a viver o presente. Deste modo, o centro gravitacional em relação ao tempo deslocou-se do futuro para o presente. Este, como temporalidade a rege a vida, impõe-se muito mais pelo excesso (incitação hedonista, estimulação visual, objetos) do que pela ausência (de significado, do que merece importância, de perspectivas e planos sociais) (Lipovetsky & Charles, 2004).

A hipermodernidade se caracteriza pela não institucionalização, pela não recorrência à tradição, pela particularização na relação com o tempo – fenômenos estes que atravessam a sociedade toda. Momento histórico marcado pela sensualidade e pelo desempenho. Seu caráter é paradoxal, tendo em vista que põe em cena contrários que tornam intensos dois pilares da modernidade técnica e democrática: o ser eficiente e a idealização da vida como prazer incessante (Lipovetsky & Charles, 2004).

Para o filósofo, vivemos uma época de reviravoltas e avanços na técnica e na ciência de um lado, porém, de outro, claramente empobrecida no âmbito cultural. A hipermodernidade desencadeou a derrocada das esperanças de revolução, a derrubada das importantes aspirações sociais e políticas e a desvalorização dos

valores universais, tendo-os como longínquos, generalistas, incompreensíveis (Lipovetsky & Charles, 2004).

Um impulso de modernização sem freios, com a mercantilização a proliferar-se sem regras econômicas mais severas, concentrado no uso da força da técnica e da ciência. Este movimento, atualmente, não se depara com resistências como ocorreu durante toda a modernidade, em que alternativas eram apresentadas (Lipovetsky & Charles, 2004). Para Lipovetsky, a modernidade era limitada, agora, no que chama de sua segunda versão, encontra-se consumada, impôs-se sem alardes substanciais em contrário. A primeira modernidade foi extremamente ideológico-política. Esta segunda é aquém do político. Configura-se pela tecnologia, pela mídia, pela economia, pelo urbanismo, pelo consumo, pelos desequilíbrios e distúrbios dos indivíduos (Lipovetsky & Charles, 2004).

Marcas sem limites – o hiper está em muitos lugares e frentes – existe um querer incessante em toda a sociedade: consumo em excesso; tecnologias; a TV e seus espetáculos; internet e sua enorme quantidade de informação; turismo das multidões; aglomerados urbanos imensos; vigilância eletrônica. Ao tratar dos extremos e contradições dos

comportamentos na hipermodernidade, escreve:

Até os comportamentos individuais são pegos na engrenagem do extremo, do que são prova o frenesi consumista, o doping, os esportes radicais, os assassinos em série, as bulimias e anorexias, a obesidade, as compulsões e vícios. Delineiam-se duas tendências contraditórias. De um lado, os indivíduos, mais do que nunca, cuidam do corpo, são fanáticos por higiene e saúde, obedecem às determinações médicas e sanitárias. De outro lado, proliferam as patologias individuais, o consumo anômico, a anarquia comportamental. O hipercapitalismo se faz acompanhar de um hiperindividualismo distanciado, regulador de si mesmo, mas ora prudente e calculista, ora desregrado, desequilibrado e caótico (Lipovetsky & Charles, 2004, p. 55-56).

O que é pré-moderno não desapareceu de todo, mas passou a ser regido pela lógica moderna. Antes o pré-moderno era encarado como necessidade de abolição ou erradicação, agora passa por uma adaptação, uma reconfiguração. Isto é, tudo se torna passível de mudanças em vista da adequação de acordo com o mercado, com o consumo e com a

individualidade. Há, por conta disso, uma remodelação das mentalidades (Lipovetsky & Charles, 2004).

Para o surgimento do hipermoderno, os grandes acontecimentos políticos tiveram sua importância: as guerras, os totalitarismos, o holocausto, as crises capitalistas etc., mas, o alcance desses eventos é limitado; outros fatores pesaram, ora denominados pelo autor de *revolução do cotidiano* (Lipovetsky & Charles, 2004). Com a hipermodernidade, desde os anos 1970, a febre hedonista-consumista se expandiu. Contudo, tem por companhia, como sombra, uma incerteza, um temor que perpassa pelos rumos que a vida toma. Persiste uma intensa procura pelo gozo que se faz acompanhar, por sua vez, pela apreensão em face de um futuro imprevisível. A nova atitude frente ao amanhã pode ser exemplificada pelos cuidados, em tom obsessivo, com a saúde. Há uma superpreocupação quanto a ela em um número crescente de pessoas. A medicalização do social expandiu-se ao ponto de se tornar palavra normativa. Venera-se a saúde. O homem hipermoderno é aquele ainda instantâneo, festeiro, desfrutador, ligado ao momento, ao presente. No entanto, remete-se ao futuro, tendo subjacente um medo quanto ao que virá (Lipovetsky & Charles, 2004).

Neste terreno, floresce o discurso medicalizante, como uma atitude escapista em face das ameaças do passar do tempo, do envelhecer. Lipovetsky nota um estado de tensão quanto ao tempo, pelo que vê indivíduos não limitados ao presente. Com a individualização, os meios de informação são promotores do afastamento, do voltar-se e concentrar-se em si. Na hipermodernidade, há um sujeito manifesto na independência dos indivíduos, nas orientações subjetivas, na introspecção (Lipovetsky & Charles, 2004).

O tempo é acelerado: cadência frenética e agir produtivo em ritmo de urgência em prejuízo da reflexão. O estresse é onipresente, base para distúrbios psicossomáticos. Os novos ritmos do tempo não se limitam ao trabalho, invadem a esfera diária em todas as relações. Daí que sobrecarga e estafa são reclamações recorrentes. Todos têm um dia cheio, até crianças. Na vivência acelerada da vida, quanto mais se faz, maior a sensação de que o tempo se esgota. Tornou-se comum a queixa pelo tempo que falta. Aqui, aparece um paradoxo dessa época: ao lado daqueles hiperativos, cujo tempo se consome por inteiro, temos aqueles esmagados, postos à margem: os desempregados, os jovens das ruas. Esta é uma sociedade que não para, apegada que se tornou ao movimento. Conforme ele:

Por toda a parte, a ênfase é na obrigação do movimento, a hipermudança sem o peso de qualquer visão utópica, ditada pelo imperativo da eficiência e pela necessidade da sobrevivência. Na hipermodernidade, não há escolha, não há alternativa, senão evoluir, acelerar para não ser ultrapassado pela “evolução”: o culto da modernização técnica prevaleceu sobre a glorificação dos fins e dos ideais (Lipovetsky & Charles, 2004, p. 57).

Há uma bipolaridade do individualismo (exagero ou falta). O consumo excessivo se coloca então como uma tentativa de ocupação dos vácuos existenciais presentes e futuros. Há uma fonte que nutre tal postura: a existência angustiada e a satisfação vinculada às inovações (Lipovetsky & Charles, 2004). O indivíduo que parece senhor de si mesmo é, de fato, volátil, flexível, cambaleante, apesar de sua relativa independência, mostra-se com o Eu sem firmeza. Isto pode, segundo ele, ser observado na avalanche de problemas psicossomáticos cada vez mais visíveis, no que subjaz uma falta de firmeza psíquica. A marcha vigorosa da centralidade no indivíduo é aqui fator proeminente. A força interior decai em face da crescente individualização que assumiu uma posição extrema. As capacidades internas de

enfrentamento esfaceladas com o crescente desaparecimento dos referenciais externos é o que se encontra na base das panes subjetivas. Quanto mais queira viver de forma intensa e livre, mais o indivíduo manifesta o fardo de seguir vulnerável em face das atribulações da existência. Neste campo, o pensador postula algumas das características fundamentais da sociedade hipermoderna e sua incidência sobre o indivíduo:

A cultura hipermoderna se caracteriza pelo enfraquecimento do poder regulador das instituições coletivas e pela autonomização correlativa dos atores sociais em face das imposições de grupo, sejam da família, sejam da religião, sejam dos partidos políticos, sejam das culturas de classe. Assim, o indivíduo se mostra cada vez mais aberto e cambiante, fluído e socialmente independente. Mas essa volatilidade significa muito mais a desestabilização do eu do que a afirmação triunfante de um indivíduo que é senhor de si mesmo. Testemunho disso é a maré montante de sintomas psicossomáticos, de distúrbios compulsivos, de depressões, de ansiedades, de tentativas de suicídio, para nem falar do crescente sentimento de insuficiência e autodepreciação. Vulnerabilidade psicológica que (ao contrário do que tanto se diz) se deve

menos ao peso extenuante das normas do desempenho, à intensificação das pressões que se abatem sobre as pessoas, do que à ruptura dos antigos sistemas de defesa e enquadramento dos indivíduos (Lipovetsky & Charles, 2004, p. 83-84).

A recordação não é valorizada por si mesma, mas pelo seu valor de passa tempo, de distração. Volta-se para o antigo – em tom nostálgico – explorando-se os sentimentos e as lembranças com fins mercadológicos. O passado é reenquadrado com um tom modernizante. Este não é força que estrutura e institui, uma vez que sua recolocação é marcadamente comercial (Lipovetsky & Charles, 2004).

Tornado *objeto-moda* (grifo do autor) que perdeu seu poder de tradição que estabelece a retransmissão e a exatidão que se prolonga e com a qual se pode contar, o antigo não rege modos de vida, causa um frenesi superficial, sedutor. É o presente, com suas normas flexíveis, que nos dirige. O apreço pelo conforto como existência, como recreação, numa constante demanda por sensações apazíveis, como mais uma fraqueza da sociedade hipermoderna é o que subjaz a procura pelo passado (Lipovetsky & Charles, 2004).

A globalização impõe uma vivência temporal homogênea. Ao mesmo tempo, há

uma fragmentação cultural. Ressurgem com força identidades étnicas e religiosas como luta contra a expansão do modo ocidental de viver. As tradições sagradas não são fontes de apelo. Elas passam por novos arranjos em torno à individualização, à dissolução e ao sentimentalismo nas formas de crer e praticar. Com a predominância do eixo do presente, há uma efervescência de religiões com regulamentos não rígidos e identificações para além das tradições. Anota, nesta direção, que apesar da força da razão instrumental, a crença religiosa não foi extinta (Lipovetsky & Charles, 2004).

A hipermodernidade, com seu cenário de caos, incerteza, insegurança, incita a procura por significado, convicção e inserção grupal. A vivência religiosa é recolocada como adaptada aos imperativos da autonomia, da não instituição, da subjetivação, da afetividade. Se nas sociedades tradicionais o ser religioso era algo dado de antemão, inquestionável, definido; na hipermodernidade, há uma forma de apropriação a partir da qual os indivíduos são passíveis de questionamentos e mudanças (Lipovetsky & Charles, 2004).

A identidade passa por uma tentativa de construção sem qualquer garantia de continuidade ou permanência.

A hipermodernidade é autocrítica dos conhecimentos e coisas instituídas da modernidade. Mas, não só isso, é também uma nova procura pelos sistemas antigos de crença. Trata-se, em grande medida, de um novo modo de lidar com as tradições; não só desconstruindo-as, mas moldando-as ao gosto supremo do indivíduo. O paradoxo de nossa época se expressa, ainda, pelo conflito da pluralidade dos conceitos de bem, mas também são visíveis as bases humanistas (Lipovetsky & Charles, 2004). Para o autor, o desprestígio e enfraquecimento das instituições, o avanço do individualismo, agora em tons exacerbados, são o motor dos problemas psicológicos tão em voga na atualidade:

Deixado a si mesmo, desinserido, o indivíduo se vê privado dos esquemas sociais estruturantes que o dotavam de forças interiores que lhe possibilitavam fazer frente às desventuras da existência. À desregulação institucional generalizada correspondem as perturbações do estado de ânimo, a crescente desorganização das personalidades, a multiplicação de distúrbios psicológicos e de discursos queixosos. É a individualização extrema de nossas sociedades o que, tendo enfraquecido as resistências “a partir de dentro”, subjaz à espiral dos distúrbios e

desequilíbrios subjetivos (Lipovetsky & Charles, 2004, p. 84).

Na hipermodernidade, os indivíduos são paradoxais, simultaneamente informados e sem estrutura, adultos e instáveis, menos ideológicos e mais ligados à moda, abertos e influenciáveis, críticos e superficiais, mais céticos e menos profundos. Este modo de se situar no mundo vincula-se às mudanças sociais ocorridas nas últimas décadas: o ambiente da sociedade, o modo de entender e viver o presente se encontram marcados por tensão nervosa, medo, futuro imprevisível, globalização imposta muito além da interferência pessoal, competição ao extremo, superdesenvolvimento das tecnologias da informação, emprego precário, indivíduo inquieto e assustado. A moda alcançou tal poder ao ponto de tornar sagrada a satisfação própria das pessoas, desmobilizando a solidariedade e a consciência classista (Lipovetsky & Charles, 2004).

Os indivíduos, distantes de qualquer significado transcendente, possuem opiniões frágeis e frívolas. Encontramo-nos diante do poder de regulação pelo consumo, que contaminou o tecido social, penetrando nas esferas da religião, da ética, da política, da família, do sindicalismo, da natureza. A

hipermodernidade opera com uma ideia de reaproveitamento constante do passado. Nada parece lhe escapar. O mundo produzido é o da vontade da vontade como uma dinâmica do poder cujo único objetivo parece ser sua própria manutenção e expansão. Isto nos levou ao fanatismo pela técnica e (Lipovetsky & Charles, 2004).

Todavia, o pensador acrescenta que é possível encontrar resistências à lógica do consumo, da técnica e do espetáculo. Postula dois exemplos disso: os direitos humanos e a honestidade intelectual de muitos (aqueles que não sucumbiram diante do *marketing* e da obsessão pela imagem). Nestes termos, o consumo não se impõe totalmente, há brechas. As relações de amor em que há um real envolvimento com o outro são uma prova disso. A redução das pessoas a consumidores não gera total homogeneidade social. Quando a desestabilização da sociedade atinge seu ápice, uma reconstrução encontra-se em curso, partindo, vale dizer, da iniciativa desejante de alguns (Lipovetsky & Charles, 2004).

Segundo ele, a ética merece destaque. Cabe refleti-la seriamente. Impõe-se uma necessária questão: estaríamos com a hipermodernidade num retorno à barbárie? Muitos se perguntam isso, haja vista a derrocada do pensamento e a gravidade do presente. O hedonismo

individualista é forte, pois mina os grandes referenciais e joga os indivíduos em um relativismo exagerado. Um exemplo disso é o retorno vistoso das seitas e seu poder de sedução sobre muitos (Lipovetsky & Charles, 2004).

Com a ascensão inédita do individualismo irresponsável, assistimos a fenômenos novos, tais como: a propagação de uma postura cínica, falta de renúncia individual, compulsões, narcotráfico, dependência de drogas e violências de todo tipo (Lipovetsky & Charles, 2004).

Há um outro poder em voga: o quarto (a mídia). Sua força é considerável, mas não é total – sem dúvida, produz normatizações e influencia amplamente a vida dos indivíduos. Contribui, deste jeito, para a manipulação e padronização das pessoas. Ela não impõe, mas propicia este ou aquele comportamento (Lipovetsky & Charles, 2004). Estas teses apontam para o seguinte: com a lógica do consumo, possibilitou-se surgir um indivíduo mais senhor de si, instável, desvinculado, de aspirações e modo de ser instável. Comovido pela moral espetacular. Com isso, a mídia adaptou-se para seduzi-lo e entretê-lo. Informar passou a se reger pelo seduzir (Lipovetsky & Charles, 2004). Coloca-se, assim, em discordância de Herbert Marcuse (1973), que aponta para a unidimensionalidade do homem, pela qual

vivemos numa sociedade que se coloca como exclusiva opção dada a imposição da civilização industrial desenvolvida. Há, neste contexto, um padrão de pensamento e comportamento linear. O controle social é intensamente introjetado por cada indivíduo. Acerca disso, em sua análise, o pensador alemão postula que o alcance do domínio da sociedade sobre o indivíduo nunca foi tão grande.

Lipovetsky defende que, na hipermodernidade, as normas e referências não são mais fornecidas pelas instituições tradicionais. Estas, de certo modo, também se adaptam à lógica consumista. A sociedade está fascinada pela frivolidade, pela superficialidade, pela flexibilidade, pelo espetáculo, pela inconstância das opiniões (Lipovetsky & Charles, 2004).

A hipermodernidade eleva o individualismo, dispensando menor valor às tradições; promove a indiferença com o bem público; põe em relevo, com frequência, o presente em detrimento do futuro; faz crescer interesses particulares e corporativos; desmerecendo o dever como valor, isolando, assim, o reconhecimento ou débito com o coletivo (Lipovetsky & Charles, 2004).

A herança dos mecanismos democráticos individualistas acabou por se tornar egoísmo. Quem se move por este reveste-se tão-somente pelo interesse no

próprio bem-estar e conforto. Situa-se na esfera privada, desmerecendo a social. Age assim sem qualquer reflexão consciente, sem qualquer estranhamento, uma vez que as lógicas tradicionais que regiam a existência não representam, para quem assim atua, qualquer via de regra ou orientação de conduta (Lipovetsky & Charles, 2004).

A leitura que Lipovetsky faz do mundo contemporâneo e do sujeito aí gerado, ao que parece, mostra-se elucidativa. Suas análises não saúdam ou enaltecem o “espírito” contemporâneo. O pensador também não elogia outras épocas, quando as apresenta. Aponta suas características próprias, isentando-se de qualquer postura saudosista. Suas críticas são intensas e até austeras ao ontem, mas, sobretudo, à atualidade histórica, seu alvo principal do início ao fim.

O filósofo recusa leituras idealistas e calamitosas e pondera por uma disposição concomitantemente racional e pragmática, colocando, vale dizer, a importância da responsabilidade como conduta de base. Esta, para ele, deve se dar em dupla direção: individualmente (com autonomia) e socialmente (com valorização do coletivo), nos âmbitos do saber e do poder. Deste modo, seu posicionamento teórico se organiza, ao que parece, contra aqueles que enxergam na atual fase histórica, um

retorno puro e simples à barbárie. Quanto a isso, elenca os traços negativos: elevação das desigualdades sociais, obsessão por segurança, imposição do mercado globalizado sobre as democracias. Todavia, aponta para traços positivos: os protestos e compromissos éticos; ações coletivas que tem por base os direitos humanos; o valor dado ao amor e à amizade; indignação que

### **Considerações Finais**

Gilles Lipovetsky tem sido, nos últimos anos, um estudioso da cultura contemporânea cuja referência no Brasil parece avançar. É o que supomos indicar as recentes traduções de suas obras para a língua portuguesa. Algo que vem ocorrendo com maior frequência desde os anos 2000. Traduções essas das obras já mencionadas no início do texto, dentre outras. Os estudos que exploram suas escritos têm sido mais evidentes nos âmbitos da filosofia e das ciências sociais. Em relação aos saberes psi, sua influência ainda parece um tanto quanto acanhada. Neste artigo, por considerar interessantes sua interpretação e posicionamento, apontou-se para as contribuições que podem se dar a partir da leitura de seus textos. Em especial, no que se refere à compreensão da cultura contemporânea, por ele chamada hipermodernidade, após

reage contra a escravidão e exigência de moralização da mídia e da vida política. Em função disso, entende que a depreciação dos valores maiores, apesar de ampla e forte, não é total. Para ele, portanto, o futuro é algo que, estando por vir, é imprevisível, mantendo-se em aberto (Lipovetsky & Charles, 2004).

apreciar os rumos e tendências que observou desde as últimas décadas do século XX e, como o próprio afirma, intensificadas nesses primeiros anos do século presente.

Se estivermos vivenciando a pós-modernidade ou a hipermodernidade mostra-se como tema, de certo modo, polêmico e em debate. Trata-se por isso mesmo de uma questão para a qual não existe consenso entre os estudiosos do assunto. Quanto a isso, o psicanalista brasileiro Joel Birman (2006) não deixa passar em branco uma explicação sua sobre o uso corrente entre diversos teóricos de que estaríamos, segundo os norte-americanos, num outro momento civilizatório, por estes designado como pós-modernidade, enquanto que, para a maioria dos europeus, não estaríamos passando pelo fim da modernidade, mas por sua extensão e intensificação. Dentre os últimos, vale lembrar, a título de

exemplo, que o polonês Zygmunt Bauman (1997) apresenta-se como parte da minoria, uma vez que trabalha recorrentemente com o conceito pós-modernidade.

No Brasil, o conceito hipermodernidade tem alcançado, nos últimos anos, alguma ampliação, como se faz notar na interessante obra *Tempo e subjetividades: perspectivas plurais* (2013), organizada por estudiosos

brasileiros afinados com a Escola de Frankfurt. Embora a tomada de uma posição em definitivo acerca desse debate possa soar como algo apressado, a princípio, as reflexões de Gilles Lipovetsky parecem-nos relevantes e, assim, estratégicas para aqueles que se debruçam em estudos relativos à cultura e aos sujeitos contemporâneos.

### Referências

- Birman, J. (2006). *Arquivos do mal-estar e da resistência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Bauman, Z. (1998). *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1997).
- Ewald, A. P., Soares, J. C., Severiano, M. F. V. & Aquino, C. B. (organizadores) (2013). *Tempo e subjetividades: perspectivas plurais*. Rio de Janeiro: 7Letras: Pequeno Gesto.
- Lipovetsky, G. (2005). *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Barueri: Manole. (Original publicado em 1983).
- Lipovetsky, G. & Charles, S. (2004). *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla. (Original publicado em 2004).
- Marcuse, H. (1973). *A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1964).

#### O autor:

**Wallace da Costa Brito** é mestrando em Psicologia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e psicólogo pelo UNIABEU Centro Universitário, e-mail: [walledacostabrito@gmail.com](mailto:walledacostabrito@gmail.com)

**Endereço institucional:** UFRRJ (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro) - Rodovia BR-465, Km 7, Campus Universitário, Instituto de Educação, Zona Rural, Seropédica/RJ, CEP: 23.851-970.

**Recebido em:** 12/08/2015

**Aprovado em:** 05/11/2015